



## Álise Do Livro Reportagem Rota 66<sup>1</sup>

Maira KEMPF<sup>2</sup>

Elias Jose MENGARDA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### RESUMO

O autor apresenta uma obra em que ensina a produzir textos de reportagens em que os diversos gêneros e tipologias podem ser abordados. Para aqueles que almejam produzir uma grande reportagem, este livro traz uma contribuição importante. Caco Barcelos interessa-se em desvendar a violência de que são vítimas os pobres, os humildes, os injustiçados em nosso país. No livro, Rota 66, ele revela detalhes sórdidos da polícia do estado de São Paulo, e são esses detalhes e essa história que uso no artigo para desenvolver como se constrói um dos gêneros jornalísticos que tem feito sucesso, isto é, o livro-reportagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tipologia textual; Livro-reportagem; Segurança pública; Polícia; Violência.

### INTRODUÇÃO

O gênero livro-reportagem ou romance-reportagem ganha cada vez mais adeptos. Tem-se tornado um gênero bastante atrativo do público leitor. Uma grande e completa reportagem toma tempo, pois cada detalhe deve ser levantado e apurado minuciosamente, tudo isso muitas vezes não está visível nas reportagens presentes nos jornais e revistas, sendo assim nos livros ha um espaço maior para que estas informações sejam apresentadas ao público leitor.

Caco Barcelos escreveu sua obra Rota 66 entre os anos de 1970 e 1992, porém publicado apenas em 2003, para alguns talvez esse fato possa tirar sua atualidade, mas sendo um livro de suma importância, mesmo os fatos nele abordados não sendo atuais, mostram que devemos observar com mais atenção a segurança pública que nos oferecem. O livro trata de um assunto complexo, que aborda muitos pontos entre eles preconceito, violência, desumanidade, assassinatos, brutalidade. Diria que dois desses

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da UFSM, email: kempf.maira@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM, email: eliasmengarda@yahoo.com.br.



adjetivos resumem o assunto abordado por Caco no seu livro que são violência e desumanidade praticadas por policiais.

O presente artigo tem como objetivo demonstrar uma análise feita ao Livro Reportagem Rota 66, também conhecido como o livro que conta a história da polícia que mata. Demonstrando a realidade das rotas policiares dos grandes centros urbanos, e a realidade vivenciada pela grande maioria desfavorecida da sociedade. O desrespeito por parte de quem deveria manter a ordem e prezar pela segurança pública.

Vivemos em um país onde infelizmente predomina a ignorância por parte dos mais favorecidos socioeconômicamente. Pessoas são mal vistas por morarem em favelas, são julgadas por raça e cor. São tachadas “diferentes” por seu estilo ou até pelo seu gosto musical. Em seu livro, Caco, fala da violência e discriminação, mostra, através de exemplos reais, que nossa sociedade não está preparada para aceitar as diferenças, e sendo assim aqueles que deveriam nos proteger acabam nos prejudicando.

Um dos gêneros jornalísticos mais conhecido é a reportagem. Podendo ser classificada entre Narrativa, Descritiva e Dissertativa. Na obra de Caco Barcelos encontramos fragmentos dos três tipos de reportagem, a análise é composta por conceitos e exemplos deste gênero. Além dos tipos de reportagem, no artigo abordaremos alguns dos tipos de parágrafos que podem conter em um texto, juntamente com os espaços onde a história se passa.

## **UM JORNALISTA QUE TEM LADO**

Segundo KALILI “Caco Barcellos é um jornalista que tem lado. Aliás, lado que ele, desde o começo da carreira no Rio Grande do Sul, nunca escondeu. Um lado que continua o mesmo – o dos mais fracos.” (1992, p. 2), talvez esse seja o principal motivo que levou Caco a escrever este livro reportagem, o fato dele ter crescido em uma favela, em Porto Alegre, o fez conhecer o mundo com outros olhos, ver que as injustiças existem e ele passou por elas, vivenciou-as. Esses jornalistas segundo (KALILI, 1992, p.2) “que escolhem ter lado, lutam pelos mesmos princípios” o de retratar os fatos da sociedade e investigar os lados, tentando tornar as vidas das pessoas mais digna. Em entrevista:



“Caco Barcellos conta que decidiu escrever o livro reportagem Rota 66 por estar cansado de ver injustiças. Ao longo da carreira, percebeu que os jornais tinham uma certa cumplicidade com a polícia, priorizando a versão policial sobre os casos que envolviam pessoas de classes economicamente baixas de São Paulo”(MOREIRA, 2003, p.52 ).

Esta obra é de suma importância porque retrata bem as ações das rotas que foram criadas no estado de São Paulo, no período da Ditadura Militar para amenizar os assaltos a bancos. Porém, esses homens que deveriam primar pela segurança da sociedade, resolvem partir para a ignorância, atacando e perseguindo pessoas, principalmente nas favelas. Pessoas essas que já não eram mais qualquer um, eram escolhidos aleatoriamente como desse vontade, para matar. Entre esses, a grande maioria eram negros, pardos, pobres e desempregados.

Primeiramente, dentre alguns dos motivos que me levaram a escolher o presente livro, o principal seja o autor. Caco Barcellos é um ícone, se destaca na sua profissão de jornalista, sendo um ótimo repórter, principalmente investigativo. Algo que me instiga, que me aguça a curiosidade pela vontade de descobrir, ou pelo menos, tentar compreender o que leva esses seres humanos a tirar vidas, simplesmente pelo prazer de ver morrer.

## **REPORTAGEM NARRATIVA**

A reportagem narrativa é aquela na qual os acontecimentos são descritos pelo narrador ou pelo autor, pois nem sempre eles serão a mesma pessoa. São fatos que estão ocorrendo ou virão a ocorrer no futuro.

Para (COIMBRA, 2004, p.44) a “ característica fundamental é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. O vazio narrativo pode ser percebido em trechos que o autor “foge” do tema principal da história, ou em momentos em que ele deixa de seguir a linearidade do assunto principal e passa a tratar ou descrever algo momentâneo.

A seguir, veja o exemplo de um vazio narrativo:

Nos laboratórios do Instituto de Criminalística, os peritos obtêm alguns avanços na tentativa de descobrir a numeração raspada de um dos revólveres. Depois de dezenas de banhos químicos eles

conseguem recuperar, com bastante nitidez, as marcas da imagem de quatro dos sete algarismos da numeração de fábrica. Mas ainda persiste a dúvida sobre dois números. Eles podem ser 0, 3, 6, 8 ou 9, com mais possibilidade para os algarismos 8 e 9. O caminho mais viável e seguro é o da apuração sobre a origem do revólver 594.326, adquirido em 1968 numa loja de armas do centro de São Paulo por um dos 50 mil vigilantes particulares da cidade. Depois de dois meses de procura diária, os agentes do Dops conseguem localizar o migrante pernambucano Vicente Braz Lima, o primeiro dono do revólver Rossi 22, cano niquelado. Ele confirma ter comprado o revólver novo, mas há muitos anos já não está mais na posse dele.

— Com quem está a arma hoje?

— Elizeu Soares, cabra corajoso!

— Onde ele mora?

— No melhor lugar do mundo!

O revólver 594.326 teve um significado especial a Vicente. Ele o comprou no dia em que partiu de São Paulo, de volta a sua terra natal, Garanhuns, Pernambuco. Depois de sete anos trabalhando duro, voltava com a mulher e três filhos, se sentindo menos pobre. Tinha conseguido encher dois sacos com roupas e pequenos aparelhos eletrodomésticos, além de abarrotar uma grande mala com coisas de uso pessoal. Levava nos bolsos as economias equivalentes a dez salários mínimos. Chegava à rodoviária de Garanhuns vestindo calça e camisa novas, óculos escuros, boné com propaganda de um posto de gasolina. Só os sapatos eram velhos, os mesmos do uniforme de vigilante (BARCELLOS, 1992, p. 44).

Na leitura do livro *Rota 66* foi possível identificar que o narrador é modo dramático (em 3º pessoa). Para (COIMBRA, 2004, p. 48), esse modo de narrar “se limita a informar o que os personagens fazem e o que falam”.

Como exemplo, de narrador de modo dramático, temos dois trechos do livro, percebe-se que o autor não está incluso no fato narrado, ele apenas conta:

“O capixaba Ataíde de Oliveira é do tipo vingativo, que na hora da briga se acovarda para depois agir às escondidas. Hora depois da desavença no boteco, o mecânico de motos desempregado Wagner Bossato, o Tatuagem, já estava sendo procurado por um cabo e dois soldados em trajes civis. De calção, sem camisa, com a sobrinha de dois anos no colo, junto ao portão de casa, ele percebe os três homens pedindo informações às crianças da rua que apontam em sua direção” (BARCELLOS, 1992, p. 49).

Outro exemplo de modo dramático é o que segue:

“O tenente Nepomuceno dispara o primeiro tiro a 2 metros de Bossato, que continua de pé, sem esboçar qualquer reação. O segundo disparo à queima-roupa explode no rosto do filho de dona Ilda, que ainda tenta abraçá-lo. Desequilibrado pelo tiro certo na boca, Bossato cai de costas. A mãe se agarra na porta, mas não consegue se manter de pé. Sente as pernas amolecerem. De joelhos, se agarra às pernas da nora, enquanto o



tenente Nepomuceno continua a atirar contra o filho estendido no chão. O tenente dispara, à queima-roupa, sobre o coração de Bossato. Não ouve o apelo da mãe” (BARCELLOS, 1992, p. 51).

Percebe-se que o tipo de espaço que o autor explora para escrever o livro é uma mescla dos três possíveis que são físico, social e psicológico. Pois, Caco Barcellos, mergulha à fundo nos detalhes sobre casos de assassinatos cometido por integrantes das rotas, também explora espaços físicos ao descrever os locais onde passou e onde eram cometidos esses assassinatos e social porque está tratando de pessoas. Mas, acredito que o espaço que mais predomina ao longo dos capítulos é o psicológico. A seguir um exemplo de espaço psicológico:

“Sem alternativa, Danilo invadiu o banheiro ao lado da lavanderia. A casa já estava cercada por dezenas de policiais quando começou a desnecessária fuzilaria. Investigadores e delegados disparavam metralhadoras, fuzis, revólveres. Martinez, Filó e os outros PMs jogavam bombas de efeito moral contra o inimigo, que reagia passivamente. De vez em quando jogava de volta uma bomba para fora do banheiro. Eram oitenta policiais contra um homem indefeso, em uma guerra que colocava em risco a vida não só dos moradores da casa como a dos vizinhos. O advogado reuniu a família no seu quarto, colocou uma cômoda na porta e ficou por muito tempo ouvindo tiros e mais tiros, muitos palavrões e o barulho da correria dos policiais sobre o telhado. O filho Marcelo, de 12 anos, não parava de vomitar. A mãe, Maria Genuína, não conseguia controlar a bexiga. A mulher, Suzi, numa tentativa de acalmar as três crianças menores, cantava alto para abafar o ruído da guerra, que durou duas horas. Terminou com os policiais invadindo o banheiro, onde Danilo foi morto com nove tiros, dos quais dois disparados pelas costas. Cessados os disparos, ao abrir a porta para saber o que tinha acontecido, o casal viu um grupo já levando o corpo de Danilo para o hospital, enquanto um dos policiais comentava com ironia:

O senhor viu como nós protegemos bem a sua família? (BARCELLOS, 1992, p. 82).

## **REPORTAGEM DESCRITIVA**

A reportagem descritiva se caracteriza por ter uma estrutura onde o fato narrado, ou a história contada deve ser fixa, ou seja, sem intervenção do tempo. Ela pode ter ação, mas os verbos contidos devem estar sempre no presente, algo que é bem marcante nesse estilo de texto é que os fatos serão sempre bem detalhados, com muitos adjetivos para assim prender a atenção do leitor.

Bloco descritivo é caracterizado por ser um fragmento do texto onde há predominância de descrição de algo. Pode vir no meio do parágrafo ou no fim, e ainda pode ser um novo parágrafo. Tratando dessa descrição, que o autor tenta fazer, se bem utilizada pode ser bem interessante, pois serve para confirmar o que o autor está falando, deve se manter um cuidado, pois não pode ser empregada em um ponto do



texto onde vá tirar o foco do leitor, deve ser apresentada ao fim de um longo trecho, para assim descansar e clarear novamente as ideias do leitor.

“A chegada de Noronha sempre agita a turma do Paulistano. São quarenta, cinquenta jovens que se reúnem diariamente no lado de fora da entrada do clube, um dos mais elegantes da zona sul da cidade de São Paulo. Nos fins de semana, à tardinha e à noite, o número é bem maior. Maioria rapazes saindo da adolescência. Eles frequentam a turma antes ou depois de namorar. Há duas condições mínimas para alguém ter acesso ao grupo: ser refinado ou metido a refinado. E agressivo, como Noronha, do tipo que não leva desaforo para casa” (BARCELLOS, 1992, p. 6).

Percebe-se na obra de Caco Barcellos que alguns parágrafos se diferem dos outros, pois tratam de descrições de acontecimentos individuais que se encontram no texto.

A descrição do ser, por exemplo

O maior fã do cantor Roberto Carlos na Vila dos Remédios, em Osasco, gosta de imitá-lo em tudo. O estilo das roupas simples é idêntico ao do ídolo. Calça de tergal boca-de-sino, botas brancas com salto de 5 centímetros. A camisa azul-turquesa, cheia de babados no punho, aberta no peito, mostra o medalhão de bronze preso à corrente do pescoço. Um dos três anéis enormes da mão direita tem o símbolo de uma caveira. Com um violão sobre o ombro, José Mendes de Oliveira, que há anos assumiu o nome de Roberto Mendes, se movimenta com dificuldade pelo salão lotado de jovens, em direção ao palco do Clube Portuguesinha. Imita até o andar manco do ídolo. Finalista do concurso de calouros entre sócias de Roberto Carlos, Mendes será obrigado a cantar a música que o público pedir. Ele está confiante ao subir ao palco. Afinal, sabe de cor os sucessos de todos os discos. Há um problema, no entanto, que pode prejudicá-lo no concurso. Mendes é pardo. Passou a semana tentando alisar os cabelos crespos com um creme especial e não gostou do resultado. Na hora de chamar ao palco o amigo que vai acompanhá-lo ao violão, Mendes não consegue imitar Roberto Carlos como gostaria. Inclina a cabeça, olha sobre o ombro direito, estica o braço esquerdo em direção ao parceiro, mas fracassa ao tentar fazer a cabeleira esticada cair sobre a testa, como a do ídolo. A sua voz, porém, é idêntica à do Rei do Iê-iê-iê (BARCELLOS, 1992, p. 71).

Temos ainda parágrafos de paisagem, onde é descrito algum lugar ou ambiente, com as características oferecidas pelo autor o leitor pode imaginar o lugar descrito.

“O quarto de Lara é o lugar ideal para conversar e ouvir música, como fizeram hoje à tarde Augusto, Noronha, Guazelli, Zezinho e mais cinco amigas. O acesso ao quarto é independente da casa, uma garantia de liberdade e isolamento. E um cômodo com parede de tijolos à vista. Há pôsteres com imagens de praia. Desenhos de lua, estrelas, palhaços, arco-íris, feitos pela própria Lara direto na parede. Uma estante com discos, livros, revistas de surf e astrologia” (BARCELLOS, 1992, p. 15).



No parágrafo de situação, podemos perceber que o autor está descrevendo sobre alguma situação vivenciada por algum personagem da história naquele momento, observe

“O noivo invadiu o palco, tirou à força o violão das mãos de Claudiomiro Silva e avançou sobre Mendes, que se abaixou para desviar da pancada na cabeça. Em seguida, teve que usar o suporte de ferro do microfone para se defender de um novo ataque do noivo, agora apoiado por uma turma de amigos que também invadiu o palco. Cercado, Mendes movimentou o ferro em todas as direções, ameaçando bater nos que tentam se aproximar. O noivo insiste na agressão: chega a quebrar o violão contra o escudo improvisado de Mendes, que salta do palco para furar o cerco. Aberto o caminho, Mendes corre pelo meio do salão e a briga se generaliza”(BARCELLOS, 1992 ,p. 72).

Em parágrafos de mundo psicológico, a principal característica é percepção dos sentimentos expressos no parágrafo.

Segue um exemplo:

Ao sair arrasado da sala de reconhecimento, Guazzelli encontra a irmã de Augusto, Helena Junqueira, chegando aos prantos no Instituto Médico Legal. Trocam um longo abraço emocionado. Em seguida ele conta que acabou de identificar os três amigos. Sugere que ela não entre na sala da geladeira, para evitar o sofrimento de ver a imagem horrível do irmão” (BARCELLOS, 1992, p. 28).

E por fim temos um parágrafo do mundo imaginário, ou seja, quando ao lermos o parágrafo percebemos que o que o autor nos diz é fruto do pensamento de alguém ou algo imaginado por um personagem do texto.

“Na última década do século, quinze anos depois do assassinato, os amigos ainda não estão conformados. Pelo menos um deles lembra da tragédia quase todos os dias. A esquina da Argentina com Alasca é o caminho de casa para Gomalina, o grande amigo de Noronha, ex-líder da Turma do Paulistano. Quando passa de carro por este ponto do Jardim América, ele sempre buzina quatro vezes, em um ritual de protesto solitário, peculiar. Costuma esmurrar o volante para a buzina soar forte. Sempre quatro vezes. Cada murro representa uma sílaba da palavra que Gomalina gostaria de gritar bem alto aos policiais da Rota 66: AS-SAS-SI-NOS” (BARCELLOS, 1992, p. 48).

Além de parágrafos variados há também diversos tipos de frases dentro desses parágrafos, um exemplo são as metáforas, segundo Fiorin e Savioli “metáfora é a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção”(cf. Fiorin & Savioli, 1990, p.122), ou seja, quando a palavra pode ser compreendida como alguma coisa diferente do seu significado real. Para comprovar seguem alguns exemplos de metáforas,



“ - Que legaaaal! Esse tira era loucão, xará, só pode!”  
(BARCELLOS, 1992,p. 16)

“ - O homem já está esperando feito uma fera, se prepare.”  
(BARCELLOS,1992, p. 19)

“O cabo Roberto Lopes Martínez está praticamente de pé, como cobra se preparando para o bote.”  
(BARCELLOS, 1992, p .23)

“A caminho do hospital, ao contrário, a velocidade dos policiais militares é de lesma.”  
(BARCELLOS, 1992, p. 30).

#### **4 REPORTAGEM DISSERTATIVA**

A reportagem dissertativa é aquela na qual o autor se pronuncia de forma explícita sobre o que vai dissertar, ou seja, falar sobre algum determinado fato, contar o que é, como aconteceu. Essa forma de texto poder ser organizada em torno do tópico frasal, e seguida de afirmações que sustentem e confirmem o que foi dito no tópico. A seguir temos um exemplo de texto dissertativo,

O estilo não deixava dúvidas: era o Doutor Barriga, o delegado extremamente grosseiro e violento, conhecido em todo o bairro. Muitas vezes eu havia assistido suas perseguições aos Ladrões da minha rua. Os vizinhos trabalhadores também são obrigados a se esconder ou fugir. O delegado considera todo mundo suspeito. Ao prender alguém, sempre aplica o inverso da lei. Em vez de provar a culpa do suspeito, costuma exigir que o detido prove sua inocência. O meu maior medo é do batismo do Doutor Barriga. Quem é preso pela primeira vez é punido, no mínimo, com uma noite de castigo no xadrez da viatura. Com a polícia tão perto de mim, já me imagino na escuridão, amontoado com mais dez pessoas dentro de uma única RP. Tenho que evitar esse horror. Tenho que escapar. Estamos escondidos a 200 metros da rua, num matagal alagado, com as pernas cobertas de água até os joelhos. Corpos curvados, em silêncio absoluto. Ouvimos o ruído da RP em marcha à ré” (BARCELLOS, 1992, p. 8).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O livro reportagem Rota 66 do autor Caco Barcelos é um texto que explora as técnicas abordadas no livro “ O Texto Da Reportagem Impressa” ( COIMBRA, 2004) trata das formas variadas de reportagens, que são narrativa, descritiva e a dissertativa.

Este texto-reportagem é uma mescla dos tipos de reportagens, ou seja, podemos encontrar fragmentos tanto de narrativa, como de dissertativa ou descritiva. É um trabalho muito completo e aborda detalhes minuciosos de assassinatos cometidos por integrantes da Rota, mas o autor dá maior ênfase à reportagem narrativa. Barcellos vai



atrás de histórias, apura informações, relata fatos que marcaram a história de muitas pessoas, que mudaram vidas, na maioria das vezes, para pior.

Na leitura é possível perceber alguns vazios narrativos, partes em que o autor se “desvia” do foco da obra, para acrescentar informações sobre algum personagem em especial, como características ou detalhar algum assunto momentâneo do texto. Podemos perceber também a presença no texto de blocos descritivos, que são acréscimos de descrições de personagens, para confirmar algo que o autor vinha falando ao longo do texto ou para aproximar o leitor do personagem.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1992

COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa**. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise de discurso**. São Paulo: Contexto/ Edusp. & Savioli,

PLATÃO, Francisco. **Para entender o texto**. São Paulo, Ática, 1990.

GARCIA, Othon M. 1969. **Comunicação em prosa moderna**. 2. ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

KALILI, Narciso. **Ele aposta no show**. Realidade, São Paulo, março de 1967.

MOREIRA, Valéria Roberta. **O jornalista: O trabalho de Caco Barcellos**. Trabalho de Conclusão de Curso (livro-reportagem). Limeira, SP: Instituto Superior de Ciências Aplicadas, 2003.